

MICROSCOPIO

A Assembléia Constituinte do Imperio não chegou, como se sabe, ao termo da sua tarefa: depois de varios meses de actividade, foi dissolvida por ato de força do Imperador D. Pedro I. Entretanto, apesar de se estarem constantemente adensando sobre ella as ameaças do despotismo, nunca se atemorizou, nem perdeu o sentimento da propria dignidade.

Expressivo é, por exemplo, o episodio do comparecimento do ministro do Imperio, Francisco Vilela Barbosa, chamado a esclarecer a situação criada pelo espancamento do cidadão David Pamplona, por parte de dois officiais do Exercito. Ao entrar no recinto, observou-se sua espada, começando depois, lhe que deveria deixar fora a pois, a falar sentado, advertiu-o o presidente de que lhe cumpria falar de pé e o ministro levantou-se. Submetido ao interrogatorio dos deputados — diz um historiador — o ministro do Imperio parecia um réu diante dos seus juizes; e, apesar de ameaçada, coacta e prestes a ser varrida pela força, a Assembléia Constituinte manteve sempre uma impressionante superioridade moral sobre o Governo.

Por que estou eu a rememorar o episodio? Porque mui diversos são hoje os estilos. Os representantes do povo sentem-se agora muito honrados e felizes, quando admitidos ao paço presidencial, a fim de prestarem as suas submissas homenagens ao chefe do Poder Executivo.

Mas com isto se evita a supressão do parlamento — dirá o leitor tímido e precavido. Nem tanto. Muito depois, passamos a ter congressos acomodados e doces. E um deles foi destruido por uma revolução e dissolvido foi outro por um golpe de Estado. De nada lhes valeu a passividade. Antes pelo contrario, pois enquanto a dissolução da varonil Assembléia Constituinte do Imperio foi seguida, a breve prazo, de eleições, somente oito anos depois de fechado o Congresso, em 1937, pudemos ter novamente a representação popular.

Essa a lição da historia: muito mais grave que ser dissolvido, é deixar-se dissolver. Não tarda a reacção no primeiro caso; vem tarde e mal, no ultimo.